

### 3

## A Canônica

### 3.1

#### Do conhecimento

A canônica epicúrea pretendeu elaborar critérios confiáveis de modo a organizar o pensamento e validar o conhecimento puramente experimentado. Epicuro enfatizava o conhecimento sensível e prático em oposição ao conhecimento puramente contemplativo; desta maneira, sugeriu que o conhecimento só poderia se originar na experiência sensível. O conhecimento especulativo, de fato, não deixaria de ser independente e também ponto inicial para todo conhecimento, dada a capacidade intelectual do homem. Mas segue-se que após desenvolver as teorias que respondem as questões elementares que fascinam e perturbam a mente humana, carece aos indivíduos estruturar e organizar seus conhecimentos oriundos da experiência, tanto para estabelecer códigos e linguagens para se comunicar como para constituir cultura e história. Além disso, a canônica levantaria como questões fundamentais o que é possível conhecer e o modo como se sucedem os conhecimentos – ou seja, como um conhecimento pode ser confiável e verdadeiro, haja vista conceitos divergentes e conhecimentos que sucedem uns aos outros.

### 3.2

#### O processo de conhecimento

O conhecimento se daria naturalmente na relação de contato de qualquer ser capaz de sentir e imprimir as sensações sentidas. A ênfase sensualista no processo da formação do saber daria margem segura a afirmar que um determinado ser sensível e com capacidade de organizar, classificar e projetar informações poderia conhecer tudo aquilo que o circunda.

Para Epicuro, todo o conhecimento tem sua base nas sensações (*αἰσθήσις*) e impressões dos sentidos (*φαντασία*)<sup>37</sup> e a composição corpo-alma seria responsável por isto. O corpo humano captaria por meio dos sentidos todo o manifestar dos fenômenos, e a alma, através dos mesmos, no contato com o objeto percebido, produziria uma série de impressões.

Diógenes<sup>38</sup> comenta que a canônica de Epicuro, cujo fim é lidar e elaborar critérios de verdade para o conhecimento funda-se em *aisthesis*, *prolepsis* e *pathe*. Deste modo, Epicuro destacava que não seria possível rejeitar as sensações dos sentidos, posto que, sem elas não haveria condições para julgar o que há de verdade ou falsidade sobre algo. Logo, o critério base para conhecimento seria as sensações, o que num primeiro momento aproxima a canônica epicúrea ao relativismo protagórico.

Striker<sup>39</sup> aprofunda o tema do processo de conhecimento com a seguinte distinção: Ora Epicuro usa o termo *αἰσθήσις* (para designar sensação ou percepção) ora usa o termo *φαντασία* (traduzindo por impressões dos sentidos). Striker destaca que as impressões não são verdadeiras nem falsas, são apenas impressões dos sentidos. E estes sendo irracionais (*ἄλογος*), logo uma outra parte da alma (o que Lucrécio chamou de *mens*) seria responsável por projetar uma imagem verdadeira ou falsa daquela impressão.

Epicuro, ao ensinar que as *impressões dos sentidos* são verdadeiras e critério para o conhecimento, deseja mostrar que os átomos do corpo sofrem sensações ou impressões, que, ao invés de verdadeiras (*ἀληθές*) delas poderia ser dito *reais e existentes*<sup>40</sup>. Neste caso, se todas as impressões são reais e existentes, uma não

<sup>37</sup> Cf. LAERTIUS, D. *Lives of eminent philosophers*, § 31, p. 561.

<sup>38</sup> Ibid. loc. cit.

<sup>39</sup> STRIKER, Gisela. *Essays on Hellenistic epistemology and ethics*. NY, Cambridge University Press. 1996, p. 79-80.

<sup>40</sup> Neste caso traduziríamos *ἀληθές* não como verdade, mas como realidade.

pode sobrepujar a outra, ou seja, vale dizer que todas são verdadeiras. Por conseguinte, o erro ou falsidade diz respeito ao discurso que se faz, e o conhecimento verdadeiro acontece na medida em que o pensamento analisa, classifica, organiza e revisa as impressões dos sentidos. O exemplo de Reesor<sup>41</sup> corrobora a tese de que todas as impressões ou percepções são verdadeiras:

Quando um homem vê uma torre de uma certa distância, sua impressão revela a torre como pequena e arredondada, mas quando ele vê a mesma torre de um alcance mais próximo, sua impressão revela a torre como grande e quadrada. Ambas as impressões são verdadeiras.

Deste modo, cada som, palavra, imagem, objeto captados pelos sentidos incorreriam na alma pré-noções gerais, captadas unicamente uma vez e naquele instante. Moraes<sup>42</sup> diz que os objetos “irradiam continuamente miniaturas (εἰδωλον) de si que seriam captadas pelos órgãos sensórios”. Essas (miniaturas) transformar-se-iam nas prolépses, que podemos chamar aqui de uma espécie de arquivos das nossas percepções. Glidden também entende as prolépses desta maneira:

Eu tomo o esclarecimento final de Diógenes como a palavra final deste tema assentando a base histórica por sua própria análise do termo, onde prolépsis é identificada com ‘a memória de uma freqüente aparência do exterior’ provendo uma conexão epistêmica entre as regularidades percebidas e observadas na natureza, graças aos mecanismos da memória.<sup>43</sup>

Segue-se que na repetição das percepções – via os sentidos do corpo – a idéia de uma mesma percepção pode sofrer uma mudança de conceituação. Quanto mais uma percepção repetir, mais mudanças de conceituação sofreria, permitindo uma definição mais clara possível e também mais confiável.

<sup>41</sup> REESOR, Margaret. Anaxagoras and Epicurus. In: ANTON, John & PREUS, Anthony (Org.) *Essays in ancient Greek philosophy*. v. II. NY: State University of New York, 1983, p. 97.

<sup>42</sup> MORAES, João Quartim de. *Epicuro: As luzes da ética*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1998 (Logos), p. 30.

<sup>43</sup> GLIDDEN, D. K., Epicurean prolépsis. In: ANNAS, Julia (Org.). *Oxford studies in ancient philosophy*. v. III. Oxford University Press, 1985, p. 183.

Por exemplo, a imagem de um cachorro imprimiria na alma uma *prolépse*. Ao vê-lo novamente reforçaria essa pré-noção. Contudo, a percepção de outros cachorros, de outras raças, traria uma série de dúvidas à pré-noção inicial. A repetição das várias raças de cachorro levaria a uma definição sólida da idéia de cachorro, vista a capacidade da alma de analisar, ordenar percepções e torná-las *pré-noções*. Desta maneira, podem-se entender essas *prolépses* como um arquivo de conceitos gerais sempre disponíveis ao homem. Da mesma forma que o gosto de uma bebida terá sensações distintas para um homem doente e um sadio <sup>44</sup>; ou da mesma forma que ao ver um remo na água, o remo parece um instrumento curvado e retorcido, e ao sair da água tem sua aparência reta e plana; deve-se perguntar: nesses casos, há uma percepção verdadeira e outra falsa? Ou para a formação das idéias é necessário o erro e verificação? Na verdade, não há erro. Há no máximo, uma precipitação do discurso que busca a verdade. Um remo aparece curvado e assim sempre será enquanto estiver na água; por conseguinte, esse discurso não será falso. Mas a seqüência dos eventos indicará a verdadeira forma do remo, produzindo prolepsés verdadeiras sobre como realmente ele é e como ele se apresenta sob outras condições.

Moraes <sup>45</sup> dá o exemplo de uma cachoeira. Um indivíduo vê algo numa montanha que parece uma cachoeira. Essa impressão do sentido é verdadeira, mas a afirmação de que aquilo é uma cachoeira é falsa, pois na verdade é o brilho do sol na pedra úmida que dá a sensação daquilo ser uma cachoeira. Neste sentido, Epicuro afirma na *Carta a Heródoto* § 50 que “*a falsidade e o erro se fundam sobre a opinião*”.

Sobre estas etapas do processo de conhecimento, Epicuro possivelmente pretendia responder ao ceticismo <sup>46</sup> de sua época oferecendo uma explicação coerente para a questão da validade de um conceito que se faz de algo. Mas, tendemos a entender que Epicuro não conseguiu se desprender deste mesmo

---

<sup>44</sup> A doença no individuo demonstra que há uma alteração nos átomos. Os átomos assim degenerados percebem e formam impressões diversas daquelas que formariam sob condições normais. Ou seja, sei que quando estiver doente minha refeição me parecerá sem gosto. Mas é não verdade que ela é sem gosto. Pois já experimentei minhas refeições sob vários aspectos, podendo afirmar com segurança que em tais ocasiões ela será assim ou assado.

<sup>45</sup> MORAES, J. Q. op. cit., p. 30.

<sup>46</sup> Com destaque para a figura de Pirro.

ceticismo. Se cada sensação é verdadeira e para conhecer algo seria necessário à repetição da sensação (e isto pode não acontecer tal como fora antes, posto que a sensação se dá sempre no momento), isso não respondeu à questão da individualidade, pois cada indivíduo continuaria tendo sensações e juízos próprios – o que nos remete a discussão de Sócrates no diálogo *Teeteto*<sup>47</sup> - e a física de Epicuro neste momento deveria se render à dialética e ao discurso.

Por outro lado, inversamente a Platão que afirmava, por exemplo, uma “cavalidade” que dá a forma perfeita para todos os cavalos que aqui existem, para Epicuro haveria o somatório de todas as prolepséis que daria origem à idéia universal de cavalidade. E, neste sentido, seria a partir das nossas experiências que teríamos critérios justos para nos guiar cotidianamente.

### 3.3

#### **Sobre o que é possível conhecer**

A questão sobre o que seria possível conhecer afigurava difícil tarefa para um sistema que admitiria o conhecimento como fruto de um sensualismo. De início seria possível conhecer tudo aquilo que está na esfera material e acessível aos sentidos. Por outro lado, o problema se instalava no que diz respeito ao que nos é invisível, tal como às idéias imateriais. Seria urgente responder a essa questão até mesmo para salvar o estatuto atomista fincado numa de suas bases: a idéia do vazio.

E foi nesta lacuna que recaíram as maiores críticas aos materialistas de um modo geral, como se observa no diálogo *Sofista* de Platão, na passagem conhecida como o combate de gigantes, mais precisamente em §245 e – §247 quando o estrangeiro apresenta um materialismo que não suporta senão, aquilo que é

---

<sup>47</sup> Em *Teeteto* 152 D - Sócrates lembra da afirmação de Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas”, o que valeria dizer também que “as coisas são conforme parecem ser para cada indivíduo”. Ver em CORNFORD, F. M. *Plato's theory of knowledge: the Theatetus and the Sophist*. Mineola, NY: Dover Publications, Inc. 2003, p. 36.

material. Sobre esta passagem, apesar de Cornford <sup>48</sup> entender como irrelevante identificar quais escolas estão sendo criticadas, temos por certo que a tese democritiana apresentava uma via na direção do imaterial, o que tornava seu materialismo oposto ao de cínicos e cirenaicos. Todavia, ainda restava rebater sobre a insuficiência em assumir aquilo que é imaterial.

O atomismo de Demócrito para existir necessitava do vazio, e quanto a isso foi visto o suficiente, pois negá-lo invalidaria a própria Física. Mas e quanto a toda sorte de idéias imateriais? Como seria possível conhecer a idéia de justiça, coragem ou amor? Demócrito só poderia fazê-lo recorrendo às convenções, assim como também o fará Epicuro. Para ele, o homem é dotado de razão; partindo dessa afirmação, quando esse mesmo homem se orienta por meio dos fenômenos sensíveis, encadeando fatos e idéias, analogicamente surgiriam intuições para explicar aquilo que não pode verificar diretamente. Os fragmentos a seguir conduzem a essa conclusão:

Cingindo-se bem aos fenômenos, podem fazer-se induções a respeito do que nos é invisível.

Tem de saber-se extrair pelo raciocínio conclusões concordantes com os fenômenos.

É verdadeiro tanto o que vemos com os olhos como aquilo que apreendemos mediante a intuição mental. <sup>49</sup>

De acordo com o exposto, infere-se que para o sistema baseado nos átomos existir é necessário também intuir o vazio.

Quanto às idéias imateriais, o sistema de Epicuro explicaria o modo como o homem pode conhecer e definir idéias como justiça, amor, bem, etc.? Entende-se que sim. Essas idéias se formariam da mesma maneira que as materiais – que dependem das repetições das impressões dos sentidos. Contudo, essas idéias se formam na repetição dos sentimentos e emoções. Fatalmente, a formação dessas idéias seria tarefa árdua, uma vez que os sentimentos variam de indivíduo para

<sup>48</sup> CORNFORD, F. M. op. cit., p. 231.

<sup>49</sup> EPICURO. *Antologia de textos de Epicuro*, p. 22.

indivíduo, e neste caso o mesmo sentimento produziria pré-noções distintas em diferentes indivíduos. São as ações cotidianas (lidando com percepções e sentimentos) que permitem ao homem formar esses juízos e engendrar na sua alma as várias *pré-noções*. No caso da justiça, é dito que – “A justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo e lugar em que exista um pacto de não produzir nem sofrer dano<sup>50</sup>”. O mesmo acontece com a *Beleza*, com o *Bem*, a *Coragem*, o *Amor* e etc. Assim, essas pré-noções acabam se tornando possíveis, pois, sendo fruto da práxis, são observáveis. Ao serem observáveis, essas pré-noções podem ser objeto da reflexão dialética, *passíveis de refutação ou confirmação*<sup>51</sup>.

Cada situação particular da *práxis* origina sentimentos e percepções, diante das quais os átomos da alma se agitam e formam pré-noções distintas. A propósito dessas prolépses, o homem pensa, discute e acaba por convencená-las com nomes. Com isso, pode-se explicar porque, para certos indivíduos, essas idéias se mostram diferentes. Elas são distintas, simplesmente, devido à grande variedade de como cada situação se apresenta e de como cada indivíduo constrói sua pré-noção acerca do sentimento ou experiência<sup>52</sup>.

Sobre como seria possível conhecer os deuses, Epicuro diria que por existirem, existem corporalmente; logo, podem ser conhecidos devido a alguma percepção que deles temos. Duvernoy<sup>53</sup> lembra de um duvidoso escólio que podemos verificar em Laertius X §139:

(...) os deuses são discerníveis pela razão somente, sendo alguns distintos numericamente enquanto outros resultam uniformemente do influxo contínuo de imagens similares dirigidos para o mesmo foco e forma humana<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup> Ibid., p. 27.

<sup>51</sup> LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*, § 51, p. 581.

<sup>52</sup> São tantas as situações de justiça e injustiça, amor e ódio, beleza e fealdade, coragem e covardia que conhecê-las todas é improvável. Logo, pode ocorrer que A entenda a justiça como Y; e B a entenda como X; E eis que surge uma situação W inusitada a ambos. A e B podem concordar que existe algo em comum nas três situações o que as identifica como justiça e neste caso haverá uma convenção.

<sup>53</sup> Cf. DUVERNOY. op. cit., p. 56.

<sup>54</sup> LAERTIUS, D., *Lives of eminent philosophers*. v. II, p. 663 et. seq.

Bem, os átomos dos deuses, de extrema sutileza, emitem seus simulacros que podemos conhecer, não através dos sentidos, mas por uma apreensão do pensamento. Portanto, conhecer os deuses não se trataria de uma questão mística e não necessitaria de uma experiência direta com a divindade. Essa proléps<sup>55</sup> se daria na medida em que são compreendidos, pela reflexão, os deuses como modelos de ataraxia e bem-aventurança.

Um único tópico resta sobre a Canônica: se os átomos possuem alguma idéia inata. Para Epicuro, a soma do que somos e conhecemos é resultado das percepções, sentimentos e pré-noções que construímos. Por outro lado, ao morrer do corpo, nossa alma também morre, fragmentando todos os átomos – responsáveis e receptáculos de todo nosso conhecimento –, jogando-os ao espaço. Ao se dissiparem, esses átomos reservariam ou manteriam alguma característica ou lembrança de cada pré-noção acumulada? Essa idéia é interessante, sendo por ela seria possível dizer que os átomos, ao se agruparem novamente, formam um novo ser, dando a este, lembranças de uma série de pré-noções. Essa idéia não aparece nos textos remanescentes de Epicuro e é muito provável que ele nunca teria pensado em assumir esta hipótese, uma vez que busca uma libertação total para o homem. Uma libertação na direção do homem em se desprender de toda crença que possa trazer-lhe inquietação.

Como visto anteriormente, com a morte do corpo, morrem todas as propriedades nele adquiridas, restando apenas aquilo que é eterno, ou seja, o átomo. Farrington contribuiu sobre esse ponto, percebendo que Epicuro descartou a possibilidade de “nascermos com uma coleção” de pré-noções das quais “somos lembrados pelas nossas impressões sensoriais”<sup>56</sup>. Isto nos leva a um entendimento que o homem nasce sem saber algum e que constrói suas idéias e conceitos pelas experiências a partir de um sistema dialógico e convencional. Assim, deve-se perguntar: o que levaria o homem a escolher ou agir na ocasião de não possuir um conhecimento ou pré-noção sobre algo? Poderia haver uma idéia de Bem ou os sentimentos (no caso, prazer e dor) e sua capacidade de calcular (*logismós*) o grau de prazer e desprazer, utilidade ou prejuízo, seriam eles os guias para toda ação?

---

<sup>55</sup> Proléps importante para o conjunto da ética, nela se reconhece o ideal de ataraxia. Desenvolver uma vida apoiando-se nesse proléps seria um dos passos para viver como um deus entre os homens.

<sup>56</sup> FARRINGTON. *A doutrina de Epicuro*, p. 114-115.

Teria o homem naturalmente nascido com a idéia do bem? E neste caso, essa idéia se assemelharia ao bem hedonista, no sentido daquilo que faz bem a si? Nasceria o homem com uma tendência para buscar o bem, privilegiando essa inclinação em se orientar por aquilo que lhe satisfaça, sendo o bem ou o bem-estar seu único guia (mesmo sem possuir conhecimento e *prolépses* para guiá-lo)?

“chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda a escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem como critério do efeito que nos produz”<sup>57</sup>.

Mais sobre a natureza do prazer deverá ser analisado no segundo capítulo desta dissertação; todavia, afirmar que Epicuro tenha defendido uma espécie de tabula rasa onde o homem nasce sem saber algum é um tanto arriscado devido a ausência de textos. Pode-se apenas especular somando indicações e fragmentos, concluindo a impossibilidade de conhecimentos inatos, e talvez mesmo a idéia de bem. Nela não se abarca nenhum conhecimento, mas uma inclinação natural, o que valeria dizer que não há um conhecimento do bem ou prazer, mas um em que tende a ele naturalmente. Sendo assim, ainda que sem referências, é visto no epicurismo um proto-empirismo.

### 3.4

#### ***Sobre a linguagem***

Quanto à canônica resta-nos analisar como Epicuro timidamente expõe uma teoria da linguagem.

Hadot diz que “(...) a partir das sensações múltiplas provenientes dos corpos que se reúnem (...) produzem-se na alma imagens e noções gerais que nos

---

<sup>57</sup> LAERTIUS. livro X. *Sovran Maxims*. Ver também *Carta a Meneceu* § 129: Pleasure is our first and kindred good. [...] and since pleasure is our first and native good [...]

permitem reconhecer as formas e identificá-las”, e continua, “ainda mais pelo fato de que essas noções estão ligadas as palavras e a linguagem”<sup>58</sup>.

Epicuro formula que todo o conhecimento se origina e é derivado da experiência sensível (mais especificamente, das percepções)<sup>59</sup>. Neste contexto, se é afirmado que toda percepção é verdadeira, então não há equívoco quando se diz “vejo um homem adiante” ou “vejo que chove”. O mesmo se dá com as sensações, por exemplo: “sinto fome”.

Fazendo-se a correspondência com um computador, pode-se entender essas *prolépses* como milhares de arquivos que são salvos, abertos novamente, modificados e mais uma vez salvos. Por meio da repetição de percepções e sensações, originam-se, formam-se e, também, modificam-se as pré-noções. As percepções e sensações humanas são agrupadas sob a forma de pré-noções na alma e, para cada nova situação cotidiana, o homem faz uso dessas imagens para agir e orientar-se. Concomitantemente, surge a linguagem.

### 3.5

#### ***A origem da linguagem***

Para Epicuro, o conhecimento do homem é fruto de sensualismo e que sua capacidade racional de selecionar, ordenar e comparar resulta, em seu conjunto de pré-noções, de idéias gerais que serão conservadas por via de significantes sonoros (*phátoggos*). Com efeito, deve-se concordar que seria impossível conservar essas pré-noções em uma comunicação rudimentar tal como a gestual, daí a necessidade de signos que representem essas imagens. Contudo, deve-se perguntar como esses signos se originam?

Epicuro, nos § 74-76 da *Carta a Heródoto*<sup>60</sup>, sustenta que há de se considerar que as sensações vêm acompanhadas de *pathé*. Todavia, há de se

---

<sup>58</sup> HADOT, P. *O que é filosofia antiga?*, p.179.

<sup>59</sup> LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*, X, § 31, p. 561.

<sup>60</sup> *Ibid*, p. 604 – 605.

ponderar algumas peculiaridades, como por exemplo, aspectos que variam de lugar para lugar, como mais calor ou mais frio, e que farão com que uma mesma percepção desenvolva nos indivíduos um determinado sentimento. Em outros termos, uma determinada percepção A, num determinado lugar B, seria comum à maioria dos indivíduos, resultando assim uma certa convenção para aquela percepção. Em outro local C a forma com que os átomos estarão se movimentando (vista as peculiaridades locais) fará a língua emitir um som adequado a esse sentimento, diferentemente do que teria sido emitido naquele local B. Esta é a idéia de Epicuro sobre a origem da linguagem exposta na *Carta a Heródoto* (nos parágrafos supracitados), e que Lucrécio melhor explicita em *Da Natureza*, V - 1030: “quanto aos vários sons, foi a natureza que obrigou a emitilos e foi a utilidade que levou a dar nomes às coisas”. Destarte, a linguagem flui naturalmente tendo o som produzido com a intenção de refletir a essência das impressões recebidas. Desta maneira, podemos admitir que, para Epicuro, a linguagem surgiria ao modo naturalista, não podendo ser diferente. Sobre isso, Lucrécio esclarece o que possivelmente Epicuro teria dito em suas obras que não chegaram aos dias atuais:

Pensar que alguém podia ter distribuído nome às coisas e que depois teriam os homens aprendido esses primeiros vocábulos é realmente ignorar tudo. De fato, como poderia ele ter assinalado tudo com palavras e ter emitido vários sons de uma língua, quando se supõe que outros eram por esse tempo incapazes de fazer o mesmo... Finalmente, que há de tão estranho no fato de o gênero humano, que tinha força de voz e língua, marcar as coisas com palavras, segundo as várias sensações, quando os mudos animais, quando das gerações das feras costumam soltar gritos diferentes e variados quando tem medo, ou quando sentem dor, ou quando lhes têm prazer? <sup>61</sup>

Descartando a origem convencionalista da linguagem, têm-se que as palavras se apresentam como um modo de conservar as impressões dos sentidos, transformando-as em pré-noções. No entanto, o mais importante a ser destacado é que a linguagem, para Epicuro, situa-se como um grau elevado do conhecimento. Por meio da linguagem, o homem se distancia da experiência sensível. Como lembra Moraes <sup>62</sup>, a linguagem pode se referir a um objeto presente (ex: “isto é

<sup>61</sup> LUCRÉCIO, T. *Da Natureza*. V, 1045 – 1060.

<sup>62</sup> MORAES, J.Q. op. cit, p. 31-32.

um peixe”), mas, se o homem quiser contar como pegou esse peixe, deverá narrar todo o processo pelo qual passou, devendo conectar ordenadamente várias pré-noções. Mais importante ainda é perceber que a linguagem, quando transmite uma *prolépse*, como o vocábulo *árvore*, não está referindo-se a uma árvore em particular. Nesse momento, não se está falando de um jambeiro ou de uma amendoeira, mas faz-se alusão a uma idéia universal de árvore. Não obstante, as palavras podem ser alteradas, pois, embora, cada percepção seja verdadeira e o homem tenha forjado uma idéia para essa percepção, novas *prolépses* irão suceder-se e, utilizando o raciocínio, o homem poderá organizá-las e formar novos juízos. Aqui, observa-se que se a linguagem tem sua origem no modo dos átomos se manifestarem, proporcionando uma determinada sensação e sua respectiva *prolépse*, contrariamente, a linguagem não tem como fugir às convenções, tanto no que toca ao que é sensível/visível como quanto ao que não o é.

### 3.6

#### Linguagem e convenção

Afirmar que o desenvolvimento da linguagem se dá pela convenção é um tanto compreensível, pois, como já visto, o indivíduo só pode conhecer aquilo que se manifesta aos seus sentidos e, ainda assim, não pode conhecer sua essência. Conhece simplesmente as imagens das percepções e as nomeia. Neste sentido, quando o homem nomeia as pré-noções e as estabelece como tais, ou quando as modifica, não está sendo realizada uma convenção? Destarte, a convenção também é natural. Há ainda outra questão que tange o imaterial quanto as convenções. Como se observou até agora, só se é possível conhecer o sensível em torno do qual a linguagem surge e se desenvolve. Diante disso, é válido perguntar como o homem é capaz de nomear aquilo que não lhe é sensível? Ou ainda: como se pode formar pré-noções daquilo que não se vê, a começar pela idéia de vazio? Como Epicuro responderia a essa questão sem recorrer às convenções?

De acordo com o exposto, infere-se que para o sistema baseado nos átomos existir é necessário também intuir o vazio. Sem a idéia do vazio, não há a

possibilidade de nada. Assim, nomeá-lo trata-se de uma convenção e também de uma invenção. “A convenção ou a invenção completam a natureza, fornecendo as palavras que esta não inspirou diretamente.”<sup>63</sup>.

Procede-se que o nomear de outras idéias abstratas segue o mesmo modo de conhecer essas idéias. Seus significantes sonoros seriam o modo de preservar cada um dos sentimentos em conceitos originados a partir dos mesmos. Cada situação particular da *práxis* originaria sentimentos e percepções, diante das quais os átomos da alma se agitariam e formariam pré-noções distintas. A propósito dessas *prolépseis*, o homem pensa, discute e acaba por convencená-las com nomes. Com isso, pode-se explicar porque, para certos indivíduos, essas idéias se mostram diferentes. Elas são distintas, simplesmente, devido à grande variedade de como cada situação se apresenta e de como cada indivíduo constrói sua pré-noção acerca do sentimento ou experiência<sup>64</sup>.

Concluí-se, sobre a linguagem, que sua origem se explica pelo movimento dos átomos captados pelos sentidos e transformados em pré-noções. Os sons são meros significantes que conservam as sensações que a natureza inspirou. Segue-se, então, que a linguagem se desenvolve como convenção e invenção para dar conta daquilo que não é perceptível e de idéias que nascem da *práxis* cotidiana.

Tendo fixado as bases de sua filosofia na via física, Epicuro pôde tocar seu projeto filosófico centrado no material e nas evidências das sensações. Logo, o presente capítulo no qual tratou-se à canônica, mostra-se fundamental para esta dissertação primeiramente, por complementar a física epicúrea. Tendo visto a física, a canônica ilustra o processo do conhecimento e como o homem a partir de si mesmo, e por ter em si o princípio de ação, adquire através dos sentidos e experiências todas as idéias que orientarão suas escolhas. Segue-se daí, a necessidade do estudo da ética, visto que, a canônica epicúrea não consegue se desprender de um relativismo no qual o indivíduo deve repetir ao máximo suas experiências para solidificar suas idéias (e isto é interessante, pois, explica razoavelmente a aquisição do conhecimento). Destarte, guiado somente por suas

---

<sup>63</sup> MORAES, J.Q. *Epicuro: as luzes da ética*. 1998, p. 34.

<sup>64</sup> E sobre isso já vimos o suficiente no tópico 3.3 deste capítulo, p. 36.

sensações, o homem carece ainda de uma reflexão que o conduza acerca do bem agir, acenando com uma vida feliz; e do cálculo que elimina as angústias, dores e perturbações decorrentes do que foi erroneamente desenvolvido pelo pensamento. A defesa da ética epicurista como uma ética do cultivo de si orientada pelo prazer será nossa próxima tarefa.